

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - USP/ESALQ
Ano 3 - Nº 32 - Janeiro/Fevereiro de 2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

O PESO DA MÁ ALIMENTAÇÃO

O brasileiro engorda, as doenças aumentam e o setor hortícola perde

Amistar®

A evolução natural dos fungicidas.

Para quem sabe
que área
verde é área útil.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e no rótulo. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por pessoas de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo



Venda sob
receituário
agronômico

syngenta

www.syngenta.com.br

Para o bem da saúde do setor e da população

A última edição da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares-IBGE), de 2002-2003, revelou que o brasileiro está comendo mal e que esse comportamento pode ou poderá acarretar prejuízos a sua saúde. A conclusão geral do estudo mostra que a população ganhou peso nos últimos 30 anos e que precisa consumir mais frutas e hortaliças para prevenir doenças, especialmente as relacionadas ao coração e o câncer gastrointestinal.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) concluiu que o baixo consumo de hortícolas está por trás de 2,7 milhões de mortes ao ano. E este problema da dieta rica em alimentos com alto teor de açúcar e gorduras e pobre em produtos do nosso setor não está ocorrendo somente no Brasil. Trata-se de um cenário mundial, típico da vida moderna.

Os maus hábitos alimentares da população e o sedentarismo estão em níveis tão preocupantes que a qualidade da alimentação tornou-se questão de saúde pública. A OMS chegou a estabelecer uma Estratégia Global para os seus países-membros, buscando melhorar a qualidade da alimentação.

Uma representante do Ministério da Saúde do Brasil afirmou em entrevista ao *Fórum de Idéias* desta edição (p. 19) que o incentivo a hábitos saudáveis, incluindo o estímulo ao consumo de frutas e hortaliças, é prioridade em 2005. Anelise Rizzolo, assessora técnica da coordenação geral de política de alimentação e nutrição, informou que o empenho do Ministério neste sentido é parecido com

o das campanhas de combate ao fumo.

O despropósito de tudo isso é que, de um lado, há várias pesquisas indicando a necessidade de um maior consumo de frutas e hortaliças e, de outro, o setor hortícola com capacidade ociosa de produção e vendas declinantes frente ao seu potencial produtivo. A grande questão que fica é: se o setor tem capacidade de abastecer, de atender aos anseios de médicos e nutricionistas, por que, então, o consumidor não compra mais frutas e hortaliças? Os fatores são vários e a **Hortifruti Brasil** aponta os principais na *Matéria de Capa*, "O peso da má alimentação" (p. 9). Depois dessa edição, acreditamos que não haverá mais dúvidas sobre os benefícios à saúde de se consumir hortícolas e sobre o quanto o aumento de vendas é vital para a rentabilidade dos produtores.



Ana Júlia (esquerda) e Margarete (direita) prepararam a *Matéria de Capa* sobre os riscos da má alimentação.

A *Hortifruti Brasil* é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/ESALQ

Editor Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Executiva:
Margarete Boteon

Editora Econômica:
Mirian Rumenos Piedade Bacchi

Editora Assistente:
Carolina Dalla Costa

Diretor Financeiro:
Sergio De Zen

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva - MTB: 27368

Revisão:
Ana Júlia Vidal

Equipe Técnica:
Aline Barrozo Ferro, Carolina Dalla Costa, Cinthia A. Vicentini, Daiana Braga, Elaine C. Quintino Araújo, Isis N. Sardella, João Paulo B. Deleo, Marcel Moreira Pinto, Margarete Boteon, Magarita Mello, Rafaela Cristina da Silva, Renata E. Gaiotto Sebastiani, Thais Queiroz da C. Mello e Thiago L. D. S. Barros.

Apoio:
FEALQ
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
Thiago Luiz Dias Siqueira Barros

Fotolitos:
BAU Fotolitos
Fone: 15 3282-5463
baufotolitos@fasternet.com.br

Impressão:
MPC Artes Gráficas
Fone: 19 3451-5600
mpc@mpegrafica.com.br

Tiragem:
6.000 exemplares

Contato:
C. Postal 132 - 13400-970 Piracicaba, SP
Tel: 19 3429-8809
Fax: 19 3429-8829
hfbrazil@esalq.usp.br
http://cepea.esalq.usp.br

A revista *Hortifruti Brasil* pertence ao Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - USP/Esalq. A reprodução de matérias publicadas pela revista é permitida desde que citados os nomes dos autores, a fonte *Hortifruti Brasil*/Cepea e a devida data de publicação.

Caixas Plásticas Zan Lin

Atendendo a todos os mercados com eficiência e qualidade.

Caixas Agrícolas para mercado Hortifruti

Principais vantagens sobre as caixas de papelão e madeira:

- Visual
- Carregamento
- Limpeza e higiene
- Empilhamento e Armazenagem
- Durabilidade
- Personalização
- Preservação do conteúdo



Ombreira



ZANLIN - Indústria e Comércio de Plásticos Ltda.
Rua Henrique Bego, 100 - Campestre - Caixa Postal 414 - Cep: 13400-970 - Piracicaba - SP
PABX: (19) 3414-8200 - Central de Atendimento: 0800 770 73 97 - caixas@zanlin.com.br



ZAN LIN®

CAPA 11



O PESO DA MÁ ALIMENTAÇÃO

Faltam frutas e sobram gorduras no cardápio do brasileiro. Com isso a população engorda, as doenças aumentam e o setor hortícola perde. Confira na Matéria de

Capa.

FÓRUM 21

Veja a opinião do Ministério da Saúde, do médico da USP e da nutricionista do "5 ao dia" sobre os resultados da pesquisa POF/

SEÇÕES

Batata	
Preços recordes	5
Tomate	
Oferta aumenta em fevereiro	6
Cebola	
Que venha o Sul!	10
Mamão	
Ventos a favor do mamão	15
Manga	
Novas notícias, velhos problemas	16
Uva	
Quebra de safra na África do Sul	17
Banana	
Mercado internacional exige qualidade	18
Melão	
Vale aumenta plantio	19
Citros	
Com um pé em cada safra	20



Cartas

PARABÉNS

Meu nome é Isabel e moro em um sítio na cidade de Espírito Santo do Pinhal/SP. Escrevo porque recebo a revista há dois anos e adoro ler as reportagens, entrevistas e opiniões sobre os produtos agrícolas.

Vocês estão de parabéns e saibam que isso ajuda muita gente que mora na zona rural e que precisa de informações para produzir com mais qualidade. Fico muito honrada em receber todo mês esta revista e espero continuar recebendo-a ainda por muito tempo.

Desde já agradeço pela atenção e gentileza.

Isabel Aparecida Ornatlu Zampieri

Espírito Santo do Pinhal/SP

Agradecemos os elogios à publicação. Considerações como a sua nos estimulam a produzir uma Hortifruti Brasil cada vez melhor e que realmente auxilie a tomada de decisão dos produtores de hortícolas. Estamos planejando muitas novidades para este ano e torcemos para que elas agradem e facilitem sua leitura. Fique de olho e não deixe de comentar!

DADOS SOBRE PRODUÇÃO

Trabalho numa empresa de serviços de alimentação que diariamente consome um grande volume de produtos hortícolas. Preciso levantar as principais regiões produtoras do Brasil e verificar a sazonalidade e potencialidade de fornecimento de cada uma. Assim, peço informações a respeito das principais regiões produtoras de hortícolas no Brasil.

Meus agradecimentos.

Rodrigo Pacheco Ikedo

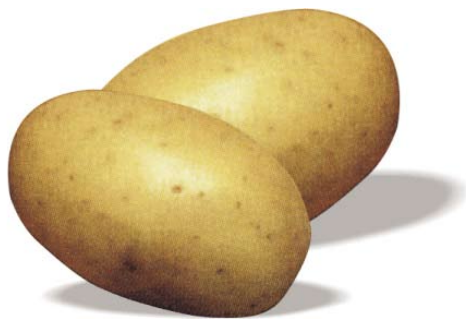
rikedo@gr.com.br

Na edição nº 08, de dezembro de 2002, você poderá encontrar o calendário de colheita para cada um dos nove produtos pesquisados continuamente pela Hortifruti Brasil (banana, batata, cebola, citros, manga, mamão, melão, tomate e uva). Já as previsões de safra para este ano e a série de preços dos produtos pesquisados por nossa equipe podem ser encontradas na edição nº 31. Para visualizá-las, acesse o site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Escreva pra gente! - hfbrasil@esalq.usp.br - Hortifruti Brasil - CP 132 - CEP:13400-970 - Piracicaba/SP
Acesse todas as edições no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

ERRATA:

- A região produtora de Itapeva (SP), citada na tabela *Tomate – Estatísticas de Produção* (edição nº 31, pag 13), engloba as cidades de Itapeva, Guapiara, Apiaí e **Ribeirão Branco**.
- O título correto do texto publicado na seção *Citros* da edição nº 31, pag 19 é: Mais frutas e **mais doenças**.
- Na seção *Banana* da edição nº 31, pag 18, o título correto é: Sigatoka negra mudará **o setor**.



Preços recordes

Redução de área e chuvas valorizam a batata em janeiro

Janeiro em alta

O mês de janeiro foi marcado pela grande valorização da batata. A monalisa especial foi negociada no atacado de São Paulo a R\$ 49,32/sc de 50 kg, em média, valor aproximadamente 53% superior ao registrado no mês anterior, quando o tubérculo era comercializado a R\$ 32,31/sc de 50 kg, em média. Esse é o maior valor registrado em janeiro desde o início do levantamento de preços realizado pelo Cepea/Esalq. A alta reflete a menor oferta de batata, ocasionada pela redução na área cultivada na safra das águas. Outro fator que também contribuiu com a menor oferta nesse período foi o aumento da frequência de chuvas nas regiões produtoras, que causou o chamado "mercado de chuva", situação em que os preços se elevam devido à dificuldade de colheita ocasionada pelas chuvas. No dia 21 de janeiro, por exemplo, a batata registrou novo recorde de preços na ceasa paulistana, atingindo valores de até R\$ 80,00/sc de 50 kg.



Oferta ainda é pequena

A região do Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba (MG) deve iniciar a colheita da safra das águas na primeira quinzena deste mês. Para este ano, bataticultores locais estimam uma redução de 8% na área cultivada, frente o ano anterior. Se esse número for confirmado, a região deve colher aproximadamente 13 mil ha. O principal fator para a diminuição da

área nesta safra foi a descapitalização dos produtores, em decorrência dos baixos preços recebidos no período anterior. Além da menor área cultivada no Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba, o Sul de Minas Gerais e a região de Guarapuava (PR), que permanecem no mercado em fevereiro, também reduziram a área plantada na safra das águas. Assim, mesmo com várias regiões ainda colhendo neste mês, a expectativa é de que não haja excedente, permitindo que o mercado mantenha-se equilibrado.

Asterix sobe menos

Em janeiro, o preço médio da asterix subiu cerca de 13% no atacado de São Paulo, frente a dezembro de 2004. Em comparação com os preços da monalisa, que subiram mais de 50% no mesmo período, essa valorização pode ser considerada baixa. O fato que impediu uma elevação ainda maior nos preços da asterix foi a baixa qualidade do produto. Mesmo neste período em que a oferta de batata com

características favoráveis à fritura é baixa, a má formação da pele e a coloração fora do padrão impediram que os preços da asterix atingissem os valores esperados pelos atacadistas. A baixa qualidade do tubérculo é atribuída às condições climáticas do período: excesso de chuvas e temperatura elevada.

Regiões em fim-de-safra

Como já era previsto, o Sudoeste Paulista iniciou o ano com baixa oferta e finalizou a safra na primeira quinzena de janeiro. Já as regiões produtoras do Paraná, como Ponta Grossa, São Mateus do Sul, Castro, Lapa e Curitiba, iniciaram o ano com oferta elevada. Contudo, ao longo do mês, a disponibilidade do produto caiu e essas regiões encerraram o período com o volume reduzido. A expectativa é de que a safra seja totalmente encerrada ainda na primeira quinzena deste mês nessas praças. Já em Guarapuava (PR), a colheita pode estender-se até a segunda metade de fevereiro.



Oferta aumenta em fevereiro

Grande parte das lavouras de verão deve entrar em pico de safra neste mês



Roças de verão entram em pico de colheita

As principais lavouras de tomate da safra de verão devem intensificar a colheita neste mês. Em Itapeva (SP), a grande incidência de chuva no início do ano retardou o amadurecimento do tomate, deslocando o pico da safra local de janeiro para fevereiro. A maior oferta na região deve coincidir com o aumento do ritmo de colheita em Caçador (SC). Nas lavouras catarinenses, a safra começou em janeiro, com pico de oferta previsto para fevereiro e março. A região de Venda Nova do Imigrante (ES) também intensificou as atividades no último mês e deve contribuir com o aumento da oferta nacional em fevereiro, quando entra em pico de safra. No entanto, caso as chuvas continuem atingindo as lavouras, o amadurecimento do tomate nas três regiões pode atrasar, deslocando o pico de colheita. Dessa forma, o clima continua sendo o principal fa-

tor para a confirmação dessas expectativas.



Clima prejudica Caçador

Grande parte das lavouras de Caçador (SC), que começaram a ser colhidas em janeiro, foi afetada pelas intensas precipitações e pelo aumento da temperatura no último mês. O principal problema verificado foi a diminuição do tamanho do fruto, que não atingiu o calibre esperado. Isso ocorreu porque, com a rápida elevação dos termômetros, os tomates das primeiras lavouras não tiveram tempo para desenvolver e amadurecer sem crescer. Além disso, os frutos apresentaram manchas. A baixa qualidade do tomate local vem impedindo que os preços pagos aos produtores catarinenses atinjam os mesmos patamares das demais regiões. Segundo tomaticultores locais, a grande oferta do tomate "miúdo" pressiona as cotações. A expectativa para este mês ainda

é incerta, pois as previsões de chuva continuam e caso sejam confirmadas, a qualidade do produto pode continuar sendo prejudicada.

Tomate em baixa

Os produtores de Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES) e Caçador (SC) começaram o ano recebendo preços mais baixos que os registrados em 2004. Um dos principais fatores para a desvalorização do produto em janeiro foi a maior oferta neste ano, sobretudo em Venda Nova do Imigrante. Apesar de as demais praças terem mantido praticamente a mesma área de plantio do ano anterior, a região capixaba aumentou sua produção em 25%, totalizando 5 milhões de pés nesta safra. A ausência de chuvas fortes nas lavouras também contribuiu com a maior oferta em Venda Nova do Imigrante, que na safra anterior registrou perdas de aproximadamente 30% na produção em virtude das precipitações. Outro fator que também pode ter contribuído com a desvalorização do produto, neste início de ano, foi a baixa procura pelo tomate. Com os consumidores menos interessados em adquirir o produto, as vendas diminuíram, tanto no atacado, quanto na roça. Segundo agentes do setor hortícola, no período de férias escolares a demanda normalmente é mais retraída, o que provoca queda nas vendas e, conseqüentemente, redução dos preços. Desta forma, a expectativa é que, com a volta às aulas, em fevereiro, a procu-



PRODUTORES BUSCAM DIVERSIFICAÇÃO

Apesar do grande número de variedades de tomate existentes no mercado, o longa vida continua sendo o mais cultivado. O sabor do longa vida não é muito apreciado por grande parte dos consumidores, que consideram essa variedade muito aguada, mas ela possui alta produtividade e maior vida pós-colheita em relação aos tipos santa cruz. Contudo, alguns produtores vêm buscando variedades alternativas, devido à instabilidade dos preços no mercado tomaticultor. Com isso, outras cultivares vêm ganhando espaço. Em Itapeva (SP), os tomaticultores cultivam tanto o longa vida quanto o santa cruz, apesar desse segundo apresentar menor produtividade. O tipo italiano, que tem encontrado um nicho de mercado bastante promissor, também é cultivado nessa praça e, devido à menor oferta, alcança preços mais altos do que o longa vida. Além desses, outros híbridos resistentes a doenças, como a mosca branca, são implantados em muitas lavouras, na tentativa de aumentar a produtividade e diminuir as perdas.

ra melhora. Entretanto, neste mês, a maior oferta ainda pode ser um entrave para o aumento dos preços do tomate.



Quinto mês de queda

O preço médio do tomate salada AA longa vida registrou queda pelo quinto mês consecutivo, no atacado de São Paulo. No acumulado até o dia 20 do último mês, o produto foi comercializado a R\$ 16,65/cx de 23 kg, em média, valor aproximadamente 1,7% inferior ao registrado no mesmo período de dezembro de 2004. Porém, frente a agosto do último ano, quando o tomate foi negociado a R\$ 38,21/cx de 23 kg, em média, a desvalorização é de cerca de

56%. A queda dos preços entre agosto de 2004 e janeiro de 2005 foi ocasionada pela diminuição da qualidade do tomate ofertado no período. Entre os problemas estão o excesso de tomate ponteiro - entre agosto e outubro do ano passado - e o aumento da quantidade de tomate maduro - entre novembro de 2004 e janeiro de 2005. Nem mesmo a finalização da colheita de inverno e início da

colheita de verão conseguiram frear a desvalorização do tomate, uma vez que não houve entressafra acentuada entre os períodos. Para fevereiro, a expectativa é que a qualidade do tomate melhora, pois algumas roças novas devem iniciar a colheita. Já a demanda, segundo alguns produtores e atacadistas, só deve estar mais aquecida após o carnaval e com o início das aulas escolares.

Produtor recebe menos em 2005

Preços médios recebidos pelos produtores de tomate AA longa vida, por região produtora

	Jan/04	Jan/05	Varição (%)*
Venda Nova do Imigrante (ES)	21,91	12,63	-42,35
Itapeva (SP)**	18,83	11,51	-38,87
Caçador (SC)	15,62	9,24	-40,84

Fonte: Cepea

* Janeiro de 2005 frente a janeiro de 2004

** A região produtora de Itapeva (SP) compreende as cidades de Itapeva, Guapiara, Ribeirão Branco e Apiaí

PREVENÇÃO é com

HOKKO KASUMIN

Prevenção contra fungos e bactérias

Com doença não se brinca: é melhor prevenir do que remediar. E a melhor proteção você tem com HOKKO KASUMIN, um produto sistêmico, que bloqueia completamente o aparecimento de doenças causadas por bactérias e fungos. HOKKO KASUMIN: tecnologia HOKKO, consagrada no mundo inteiro por excelência de resultados.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um engenheiro agrônomo. Venda sob receita agrônoma.

ISO 9001
2001

ISO 22000
2005

ANDEF

HOKKO
sempre com você

www.hokko.com.br

HORTIFRUTI BRASIL - JAN-FEV/2005 - 7

CEPEA

A pesquisa que se aplica

ao seu dia-a-dia



Linhas de Pesquisa

Indicadores de Preços

PIB do Agronegócio

Economia Ambiental

Economia Florestal

Economia Internacional

Empreendedorismo

Modelagens Econômicas

Administração Rural



CEPEA



**Centro de Estudos Avançados em
Economia Aplicada ESALQ/USP**

www.cepea.esalq.usp.br



Foto: Sakata Sudamérica

Que venha o Sul!

A região Sul aumenta a oferta e deve ser a principal abastecedora do mercado nos próximos meses



Sul em pico de safra

A oferta do Sul, maior região produtora do país, está se intensificando. Apesar de quase toda a safra da região já ter sido colhida e armazenada, até o final de janeiro, apenas cerca de 20% do total produzido nas lavouras locais havia sido comercializado em Santa Catarina e 30% no Rio Grande do Sul. Assim, o volume tende a se acumular nos próximos meses, estendendo a safra deste ano. Isso ocorre porque o mercado permaneceu saturado no último mês, o que dificultou as vendas do setor. Desse modo, a expectativa dos agentes é que os valores do bulbo permaneçam nos mesmos patamares dos registrados no último mês ou com leve aumento a partir da segunda quinzena de fevereiro. Como a maior parte da cebola já foi retirada das lavouras, mesmo que ocorram adversidades climáticas, o bulbo não deve ser prejudicado. Nesta safra, a incidência de doenças

foi muito baixa devido à estiagem em várias regiões produtoras durante a produção, o que favoreceu a obtenção de bulbos de boa qualidade.

Argentina chega mais cedo

As importações de cebola da Argentina devem se iniciar mais cedo neste ano. A previsão é que em meados de fevereiro o bulbo argentino já comece a ser enviado ao Brasil. No entanto, o volume deve se tornar significativo somente a partir de março, em virtude do período de "cura" do bulbo. Os altos preços obtidos no Brasil em 2004 e o aumento de cerca de 11% no volume importado estimularam os produtores argentinos a investir na lavoura. A estimativa dos cebolicultores argentinos é que a área cultivada nesta safra seja aproximadamente 30% maior que a do último ano.

ra. Com o atraso da colheita no Nordeste, o mercado local continuou sendo abastecido com o produto da região em janeiro, prejudicando as vendas da cebola do Sul. No final do último mês, a oferta local já havia diminuído significativamente em algumas regiões. Esse comportamento atípico acabou prejudicando o escoamento da produção do Sul do país neste início de ano, acumulando mais produto para os próximos meses.



Aumenta o plantio no Nordeste

No final de janeiro, as atenções dos produtores do Nordeste se voltaram para o plantio da próxima safra. Embora o clima quente e seco registrado em janeiro tenha prejudicado o plantio, agentes confirmam que houve uma venda relativamente alta de sementes tanto no Vale do São Francisco quanto em Irecê (BA). Na região baiana, mais de 50% da área já foi cultivada. A previsão é de aumento de aproximadamente 20% na área plantada em Irecê, frente ao primeiro semestre de 2004, e a intensificação da colheita está prevista para meados de maio. Caso o tempo continue desfavorável à produção, o rendimento das lavouras deve ficar abaixo do esperado. Para o Vale do São Francisco, onde o plantio também já começou, a expectativa é que a área cultivada neste ano aumente, caso o clima contribua com a produção. A intensificação da colheita local deve ocorrer em junho.

"Termômetro" do mercado marca baixa

Segundo agentes de mercado, o Nordeste é o termômetro dos preços de cebola para o mercado nacional no início do ano. Quando há escassez de produto na região, os valores do bulbo se elevam em todo o país e a liquidez na principal área de produção do período, o Sul do país, melho-



Maiores oferta reduz preços no Sul
 Preço médio recebido pelos produtores de Santa Catarina e Rio Grande do Sul pela cebola - R\$/kg
 Fonte: Capasa

O menu do brasileiro tem poucas frutas e hortaliças

Por Ana Júlia Vidal e Margarete Boteon

O brasileiro come mal e está ganhando peso. Nada balanceado, o menu dos consumidores é rico em alimentos com alto teor de açúcar e pobre em frutas, verduras e legumes, tanto nas famílias de alta renda como nas mais carentes. Este é o resultado da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2002-2003, feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde. A POF 2002-2003 foi realizada entre julho de 2002 e junho de 2003 em 48.470 domicílios de áreas urbanas e rurais de todo o país.

A atual quantidade de frutas e hortaliças con-

hortaliças foi pouco acima de 88 quilos por pessoa no ano. Já entre as famílias com renda de até R\$ 400,00 por mês, cada membro ingeriu apenas 27 quilos no ano.

Apesar de metodologias e amostras distintas, se compararmos a pesquisa do IBGE de 1976 com a de 2003, na região metropolitana de São Paulo, nota-se que as frutas e hortaliças não tiveram a mesma evolução no cardápio do paulistano como ocorreu com os refrigerantes, pães e biscoitos. O consumo de refrigerantes, por exemplo, cresceu mais de 400% na capital paulista nos últimos 30 anos. O grupo de biscoitos e pães registrou efeito similar, mas com um aumento de 30%. Enquanto isso, o consumo de frutas manteve-se praticamente estagnado na capital paulista, ao passo que verduras e legumes tiveram um decréscimo de 37% em 30 anos.

O PESO DA MÁ ALIMENTAÇÃO

sumida pelo brasileiro está abaixo do mínimo recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Segundo a POF, esses alimentos respondem por 1% a 3,5% das calorias totais ingeridas pelo consumidor brasileiro, ao passo que a recomendação da OMS é que de 6% a 7% da energia total consumida seja proveniente de frutas e hortaliças.

Mesmo separando os dados por faixa de renda ou por região, em nenhum dos casos se obteve o índice de consumo recomendado pela OMS. Segundo a pesquisa, em 2003, em famílias onde a renda mensal era superior a R\$ 3 mil, o consumo médio de frutas e

Por outro lado, temos um setor hortícola com tecnologia que permite produzir um volume muito superior à atual demanda, muitas vezes sobrando produto nas roças sem ter para quem vender, principalmente em situações de pico de safra. Nesses 30 anos, com a melhoria no material genético e o manejo mais adequado das lavouras, conseguimos produzir mais em uma área muito menor. Em batata, por exemplo, na década de 70, produzíamos 1,5 milhão de toneladas em cerca de 200 mil hectares (IBGE). Atualmente, temos capacidade de produzir o dobro em metade desta área.

O gasto da família brasileira com alimentos supérfluos é **110% maior** que as despesas com frutas, legumes e verduras

Frutas



R\$ 9,65

Legumes e Verduras



R\$ 6,85

= R\$ **16,50**
/mês

Biscoito e Salgados



R\$ 13,87

Refrigerantes e Cervejas



R\$ 20,91

= R\$ **34,78**
/mês

Despesa mensal por família, calculada pelo IBGE/POF (2002/03).

O baixo consumo de hortícolas está por trás de 2,7 milhões de mortes ao ano

Mas não é o produtor quem mais perde com esta situação. O grande prejudicado é o próprio consumidor. "Estima-se que o baixo consumo de frutas e verduras cause cerca de 2,7 milhões de mortes a cada ano e esteja entre os 10 maiores fatores de risco que contribuem para a mortalidade", citou a Organização Mundial da Saúde (OMS) no relatório de 2002.

Ter acesso a alimentos ou simplesmente comer não é o mesmo que se alimentar bem. Uma pessoa pode consumir arroz e feijão ou somente massa e carne durante um bom tempo e sentir-se satisfeita, mas o mesmo não acontecerá com seu organismo. É a chamada alimentação de má qualidade, que não combina todos os componentes necessários para o bom funcionamento do nosso corpo. "Uma alimentação saudável deve oferecer os nutrientes necessários para o desenvolvimento físico e mental do homem, de forma equilibrada e balanceada. Essa alimentação deve ser rica em fibras, pobre em gorduras do tipo saturadas, conter proteínas e carboidratos em quantidades adequadas ao gasto energético de cada um", diz Flávia Abdallah, nutricionista do ambulatório de Medicina Esportiva do Hospital das

Clínicas, em São Paulo.

Mas se isso não acontece, a saúde enfrenta sérios riscos. Segundo o relatório da OMS de 2002, a alimentação inadequada, atrelada à inatividade física e ao fumo, está entre os principais fatores de risco de doenças não-transmissíveis como cardiopatias, diabetes tipo 2, obesidade e certos tipos de câncer - responsáveis por quase 60% das mortes em todo mundo e por 45% da morbidade global (causas de doenças).

Há 30 anos, havia no Brasil mais desnutridos que obesos. Hoje a situação é oposta, conforme constatou a POF, do IBGE. O Instituto surpreendeu o país ao revelar que a frequência de pessoas com excesso de peso supera a desnutrição em oito vezes entre as mulheres e em quinze vezes na população masculina. Em uma amostra de 95,5 milhões de pessoas com 20 anos ou mais, há 3,8 milhões (4%) com déficit nutricional e 38,8 milhões (40,6%) acima do peso, das quais 10,5 milhões são consideradas obesas. O relatório apontou que o problema da obesidade não é mais exclusivo das pessoas com renda mais alta e que há mais gordos que magros também entre a população pobre.

Vida moderna

Para conhecer melhor as razões do baixo consumo de frutas e hortícolas no nosso país, a **Hortifruti Brasil** conversou com seis mulheres de Piracicaba, interior de São Paulo. O perfil das entrevistadas se encaixa no descrito no levantamento do IBGE para o Estado de São Paulo, no que se refere à idade, estado civil, renda familiar e escolaridade*. A **Hortifruti Brasil** buscou ouvir apenas mulheres porque são elas que decidem as compras de alimentos na maioria dos casos. Das seis entrevistadas, quatro consomem menos e apenas duas ingerem quantidades superiores à média do brasileiro (150 gramas diárias de frutas e hortícolas).

As razões das entrevistadas para o baixo consumo de frutas e hortícolas são similares às citadas por especialistas que avaliaram os dados do IBGE: falta de hábito, conveniência, preço, segurança do alimento e falta de informação sobre os benefícios e malefícios da sua ausência.

Em termos de conveniência ou praticidade, as entrevistadas disseram que a comercialização de frutas e hortícolas minimamente processadas ajudaria a aumentar o consumo. E não é pra menos. O perfil das mulheres mudou no último século. Além de trabalhar e ocupar cargos de responsabilidade, de igual para igual com os homens, elas acumulam também as tarefas tradicionais: ser mãe, esposa e dona de casa. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, de novembro de 2004, as mulheres representavam 45% da população empregada.

A falta de informação se revelou em perguntas sobre como elaborar um cardápio verdadeiramente saudável. "Eu não sabia que o meu consumo estava abaixo do recomendável. Onde posso encontrar informação sobre isso? Devia vir nas embalagens dos produtos, estar disponível nos restaurantes", sugere a professora Roseli M. Guardia.

Quanto à preocupação com a segurança do alimento, não chegam ao consumidor informações sobre os

O consumo regular de hortícolas pode salvar vida

- Mais de 2,7 milhões de pessoas poderiam ser salvas anualmente com um consumo regular de frutas e hortícolas.
- O baixo consumo de frutas e hortícolas encontra-se no *ranking* dos 10 principais fatores de risco de mortalidade global.
- Estima-se que a baixa ingestão de frutas e hortícolas cause 10% do câncer gastrointestinal, 31% das doenças do coração e 11% dos infartos no mundo.

deprecia a qualidade da alimentação

RAZÕES PARA O BAIXO CONSUMO



FALTA DE HÁBITO

“Não gosto muito de frutas e legumes. Prefiro pão. Como muito pão.”

Maria Zilma Santos Barros, 36 anos, faxineira, casada, 3 filhos.
Renda Mensal Familiar: R\$ 600,00

SEGURANÇA DO ALIMENTO

“Antes era mais saudável comprar fruta e verdura, hoje, não mais. Eles põem muita ‘coisarada’ (agrotóxico). Tenho medo.”

Odisséia Rodrigues Ferreira, 52 anos, doméstica, divorciada, 4 filhos.
Renda Mensal Familiar: R\$ 1.200,00



PREGUIÇA

“Acho que as pessoas começaram a ter preguiça. Eu trabalho o dia todo e faço varejo toda semana. Dá pra conciliar o trabalho à compra de alimentos. Controlo os refrigerantes. Em casa, tomamos suco de fruta.”

Selma Suprindo Fischer, 40 anos, assistente social, casada, 2 filhos.
Renda Mensal Familiar: R\$ 1.500,00



PREÇO

“Sei que é saudável, mas muitas vezes não compro porque acho as frutas caras. Às vezes compensa levar um quilo de carne, que você prepara rápido e todo mundo fica satisfeito.”

Maria Aparecida Monteiro Maluf, 47 anos, comerciante, casada, 2 filhos
Renda Mensal Familiar: R\$ 3.000,00

CONVENIÊNCIA

“Às vezes trago ao trabalho uma maçã ou uma banana, que são fáceis de consumir, mas as que têm que descascar, só consumo em casa de vez em quando.”

Daniele Cristina Ricci Sahuquillo, 31 anos, jornalista, casada, 1 filha
Renda Mensal Familiar: R\$ 3.500,00



FALTA DE INFORMAÇÃO

“Não sabia que comia menos que o recomendado. Não somos informados sobre isso!”

Roseli Mendes Guardia, 54 anos, professora, casada, 2 filhos.
Renda familiar: superior a R\$ 6.000,00

investimentos que o produtor tem feito para racionalizar o uso de pesticidas e respeitar os períodos de carência.

Entretanto, o mais polêmico dos fatores responsáveis pelo baixo consumo de frutas e legumes é o custo desses produtos. Citado pelo próprio IBGE como motivo para a restrição das compras de hortícolas, muitos consumidores analisam que esses alimentos são caros porque são perecíveis e não são grandes fontes de energia (não sustentam).

“Ao comprar alimentos, muitos consumidores buscam energia, produtos que ‘matam a fome’, e as frutas e verduras não são alimentos calóricos”, declara Carlos Augusto Monteiro, médico do Departamento de Nutrição da Universidade de São Paulo, consultor do IBGE na elaboração da POF.

De fato, qualquer pessoa que passe pelo centro de São Paulo pode comprar um “salgadinho” (como coxinha) e um refrigerante por R\$ 1,00 ou até menos. Para muitos, portanto, a fruta fica mais cara porque sustenta por menos tempo que o alimento calórico, como o “salgadinho”.

O xis da questão é: será que é o preço que faz com que o consumidor decida-se pelo salgadinho na rua ou são a correria da vida moderna e a falta de informação sobre o valor nutricional das frutas e verduras?

A qualidade dos produtos que estão disponíveis à população também pode inibir o consumo. Especialmente entre os mais pobres, este fator pode estar influenciando na decisão de não consumir frutas e verduras. “As poucas feiras nos bairros pobres oferecem produtos passados, amassados e já com pouco valor nutricional”, afirma Monteiro. Para ele, não há dúvida de que a relação do consumo de frutas e verduras com a renda da população não está esclarecida e requer mais estudos.

**A intenção da Hortifruti Brasil foi apenas buscar exemplos reais que representassem os números apresentados pelo IBGE. Não foram seguidos critérios estatísticos rígidos. Trata-se de enquête jornalística.*

País precisa de um programa de alimentação saudável

No evento de apresentação da pesquisa da POF/IBGE, o Ministério da Saúde informou que estuda fazer uma campanha, a exemplo da que veicula contra o consumo de tabaco, para alertar sobre os riscos de ingerir açúcar e gordura em excesso. Não se trata de abandonar os programas como o Fome Zero, mas de considerar que tanto a desnutrição como a obesidade são reflexos da má alimentação.

Ações de combate à fome e em prol da alimentação saudável devem ser articuladas e implementadas em conjunto, em plano nacional e com apoio do governo. Foi o que concluiu a II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CNSAN). Ficou claro que, independente dos entraves que o país deve enfrentar para combater o elevado índice de obesidade, esta é uma luta que deve ser assumida com a mes-

ma seriedade com a qual vem se tratando o tabagismo. Há previsões de que os problemas de obesidade nos próximos anos terão, para as indústrias de alimentos, o mesmo peso que o câncer teve para fabricantes de cigarro no fim da década passada.

Gigantes do setor alimentício já perceberam que o consumidor está mais atento à qualidade da alimentação e, temendo perda de espaço no mercado com a imagem gordurosa do *fast food*, trataram de reelaborar suas estratégias de marketing. Agora essas empresas lutam para conscientizar o consumidor que estão mudando para melhor.

O McDonald's, maior rede de *fast food* do mundo, deve investir R\$ 7 milhões neste verão para divulgar novos produtos com baixa caloria no Brasil, incluindo saladas variadas, sanduíche de frango grelhado, chá gelado, água de coco e iogurte com frutas frescas.

O objetivo da empresa é dar continuidade à defesa de uma refeição balanceada, campanha iniciada em 1998, quando foi lançada a primeira tabela nutricional da companhia.

A luta pela mudança dos hábitos alimentares também depende do empenho do setor hortícola, cobrando políticas públicas e estabelecendo atividades que possam ser realizadas em parceria com os setores público e privado. Os benefícios dessa campanha tendem a ser os melhores: população menos exposta aos riscos de doenças não-transmissíveis e setor hortícola com melhor estabilidade de renda. Mas, para que esse projeto possa ser realizado, primeiramente o setor precisa se organizar, estabelecendo ações dentro da própria cadeia que estimulem o consumo de frutas, legumes e verduras. Com o setor organizado, a cobrança aos órgãos públicos fica mais fácil.

Ações públicas para incentivar hábitos saudáveis de alimentação

- Apoiar a “Estratégia Global para a Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde”, da Organização Mundial da Saúde, visando à elaboração de uma estratégia brasileira de incentivo a hábitos de vida saudáveis e fomentando o aumento da produção e do consumo de legumes, verduras e frutas. O Ministério da Saúde apoiou o programa da OMS, mas ainda não concretizou campanhas de grande circulação no país.
- Estimular a criação de leis federais que controlem a venda e a comercialização de alimentos nutricionalmente inadequados nas escolas e que regulamentem as estratégias de marketing e propaganda, especialmente as dirigidas a crianças e a adolescentes.
- Estímulos governamentais para melhorar a rede de distribuição de alimentos no interior do país.

Fonte básica de consulta: II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CNSAN), realizada em março de 2004, em Olinda/PE.

Ações do setor hortifrutícola: precisamos fazer nossa parte

- Fazer parcerias, apoiar e cobrar os órgãos públicos, inclusive os ministérios da Agricultura e Saúde, para implementar um programa de promoção de frutas e legumes com base na “Estratégia Global” da OMS.
- Melhorar a imagem do setor quanto ao uso de agrotóxicos, divulgando ao consumidor a adoção de programas de produção integrada e o respeito à carência de defensivos agrícolas.
- Mudar o conceito do consumidor e dos órgãos públicos quanto ao custo dos hortícolas, ressaltando que frutas e legumes são acessíveis à população em geral, estimulando o consumo de frutas regionais e da estação.
- Aperfeiçoar programas que visem à melhoria da qualidade das frutas e hortaliças cultivadas no país, principalmente no pós-colheita.
- Desenvolver tecnologias para aumentar a vida útil dos perecíveis e que permitam a produção em larga escala dos produtos minimamente processados.

Fonte: Elaboração das autoras



Ventos a favor do mamão

Aumento na produção interna e expectativa de maior participação no mercado internacional favorecem a cultura em 2005

Replântio aumenta a produção

O replântio de áreas prejudicadas pelas enxurradas do início de 2004 e a implantação de algumas roças novas devem garantir uma produção significativamente maior para os produtores de mamão havaí neste ano. A tendência é que ocorram dois picos de oferta na região: o primeiro entre março e abril, com a colheita das roças novas, e o segundo, de setembro a outubro, quando as áreas replantadas entram em produção. O replântio das lavouras, além de elevar a oferta na região, contribui com a melhoria da qualidade dos frutos, porém somente a partir de setembro, quando essas lavouras entram em produção, facilitando o atendimento das exigências internacionais. Entretanto, a confirmação de uma safra maior e com qualidade superior ainda depende da intensidade de chuvas na região. No início de 2004, precipitações intensas e concentradas ocasionaram a perda de frutos e de botões florais e, em alguns casos, a formação de enxurradas tão fortes que chegaram a arrastar plantas inteiras.

Começando devagar

As primeiras semanas de 2005 foram marcadas pela menor procura pelo mamão. As férias escolares, período em que boa parte dos consumidores deixa as grandes capitais, e o baixo poder aquisitivo do brasileiro, decorrente dos gastos extras de final de ano, foram os principais responsáveis pela baixa

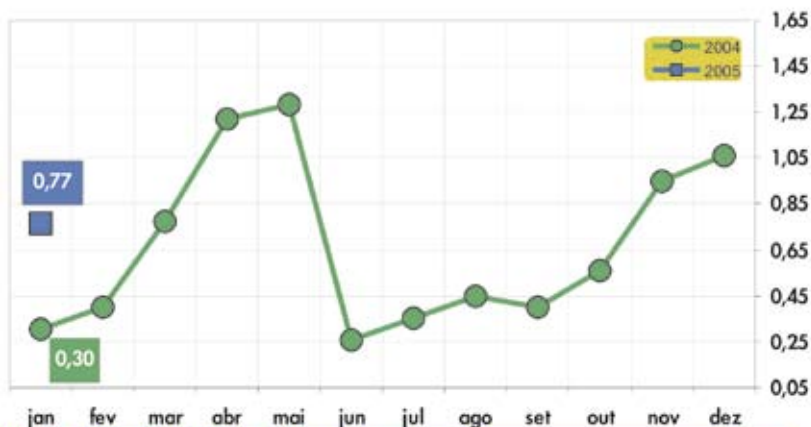
demanda. Assim, o valor do fruto registrou quedas consecutivas ao longo de janeiro, encerrando o mês a aproximadamente R\$ 0,77/kg, nas lavouras do Espírito Santo, valor 27% inferior ao registrado em dezembro de 2004. Segundo produtores, a oferta de havaí deve apresentar leve redução a partir do final de fevereiro, quando algumas lavouras entram em fase de "pescoço", podendo valorizar novamente a fruta.



Exportações devem ser maiores

Diante do crescimento da produção interna, produtores de mamão acreditam que as exportações do havaí também devam aumentar. Além disso, o incremento da demanda internacional e a repercussão do *Brazilian Fruit Festival* (parceria entre o Ministério da Agricultura, o Instituto Brasileiro de Frutas, a Agência de Promoção de Exportações do Brasil e o grupo Carrefour, visando

à divulgação de frutas, sucos e polpas brasileiras no exterior) são outros fatores que favorecem o Brasil. Segundo exportadores, há previsão de que alguns países que não importavam o mamão brasileiro passem a fazê-lo neste ano. Quanto ao *Brazilian Fruit Festival*, algumas exportadoras afirmam que já vêm obtendo algum resultado, à medida que novos compradores as têm procurado para realizar negociações. Esse cenário positivo anima o setor que encerrou 2004 com redução de 9% nas vendas internacionais, devido à queda na produção e à baixa qualidade dos frutos, mostrando que o setor realmente deixou de ganhar em 2004. Entretanto, essa retração não foi suficiente para alterar a posição do mamão no *ranking* das frutas frescas mais exportadas, que, assim como em 2003, ficou na 6ª posição. Para 2005, a fórmula é aproveitar o rendimento das lavouras e conquistar os clientes que estão aí.



Baixa oferta valoriza o havaí
Preços médios recebidos pelos produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí
tipo (12-8) - R\$/kg

Fonte: Cepea

Novas notícias, velhos problemas

**Manga brasileira chega ao Japão,
mas velhos problemas ainda devem limitar a rentabilidade da cultura em 2005**



Manga brasileira finalmente chega ao Japão!

Uma boa notícia para a mangicultura em janeiro de 2005: a manga brasileira finalmente chegou ao Japão. Segundo a imprensa, foram enviadas 6,5 toneladas da fruta. Apesar da participação asiática nas exportações nacionais ainda ser muito pequena, o setor comemora o fim da barreira fitossanitária imposta pelo Japão que levou 32 anos para ser derrubada. A previsão é que sejam embarcadas cerca de 5 mil toneladas da manga para o Japão neste ano. Entretanto, a menor receita obtida com as exportações de manga em 2004 - devido à elevada concorrência com outras origens e à desorganização dos embarques nacionais para tradicionais parceiros como os Estados Unidos e a Europa - ainda é um batalha a ser vencida. Só um melhor planejamento no momento da venda, visando a não saturar o país de destino com a fruta brasileira,

aliado ao envio de um produto de alta qualidade e certificado poderá refletir no aumento dos valores internos.



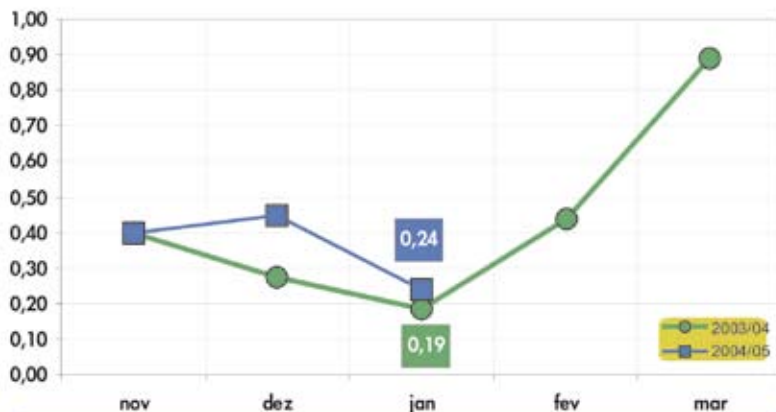
Manga perde a liderança em 2004

A manga perdeu a liderança no ranking brasileiro das frutas geradoras de maior receita com exportação em 2004 para a maçã. Além de exportar US\$ 11,5 milhões a menos frente a 2003, segundo a Secex, o volume exportado também caiu. De acordo com a Secretaria, o Brasil deixou de exportar cerca de 10 mil toneladas de manga para os Estados Unidos e 18 mil toneladas para a União Européia em 2004. A causa dessa retração nas vendas para os Estados Unidos se deve à concorrência com outros países da América do Sul e com o México. Desde 2003, os mexicanos vêm deslocando sua produção para o segundo semestre - principal janela de mercado da manga brasileira - e, em 2005, não deverá ser diferente. Contudo, mesmo com

no. Na União Européia, a desorganização dos embarques brasileiros e a concorrência com outros países produtores também contribuíram com a diminuição da receita e do volume exportado em 2004. Assim, os fatores climáticos não podem ser responsabilizados pelo mau desempenho no mercado externo. Apesar de terem ocorrido danos à produção no primeiro semestre, a partir de julho, a qualidade da fruta foi recuperada e não chegou a prejudicar as exportações.

É tempo de palmer

A região de Monte Alto (SP) iniciou a colheita da palmer em janeiro e a expectativa é que a produção local se estenda até março, quando o Nordeste deve voltar ao mercado. Como a estiagem registrada no segundo semestre de 2004 não ocasionou grandes danos às lavouras do estado, os produtores esperam por uma boa produção neste ano. A estimativa é de que seja colhido um volume equivalente ao obtido em 2003. O maior contratempo enfrentado pelos produtores da região foi a chuva ao longo de janeiro, que ocasionou o aparecimento de pragas e doenças - como a cochonilha e a antracnose -, e dificultou o tratamento dos pomares. Em janeiro, a palmer paulista foi cotada a R\$ 0,24/kg, em média, nas lavouras da região, cerca de 45% a menos que o praticado no mês anterior, devido ao aumento do volume ofertado.



Maior oferta derruba preços da palmer

Preços médios recebidos pelos produtores de Monte Alto (SP) pela palmer - R\$/kg

Fonte: Cepas



Quebra de safra na África do Sul

Produtores nordestinos devem estar atentos para os envios do primeiro semestre



Boas expectativas para 2005

Os produtores do Vale do São Francisco já estão organizando as exportações do primeiro semestre. A novidade é que a África do Sul, principal concorrente do Brasil no período, terá quebra de safra devido à seca que atingiu os parreirais daquele país em dezembro de 2004. A informação foi divulgada no relatório FAS/USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) de janeiro de 2005, que prevê redução de aproximadamente 14% nas exportações sul-africanas deste ano, frente a 2004. O documento avalia que o volume enviado aos Estados Unidos deve cair significativamente, mas não faz previsão dos reflexos da menor oferta da África do Sul sobre as exportações para a União Européia. Entre janeiro e setembro de 2004, os sul-africanos exportaram 150 mil toneladas para a Holanda, Bélgica e Reino Unido, volume 25% superior ao enviado no mesmo período de 2003, prejudicando os embarques da primeira janela brasileira (abril a julho). A perspectiva para 2005 é que a redução da safra sul-africana resulte em maior competitividade para a uva brasileira na União Européia. Uma outra notícia que também tem animado os exportadores brasileiros é a possibilidade de enviar uvas ao mercado asiático pelo porto de Cingapura, que tem exigências fitossanitárias mais brandas (é necessário apenas possuir o CFO - Certificado Fitossanitário de Origem) que o vizinho Hong Kong.

Uva perde posição em 2004

Conforme dados da Secex, a uva caiu para oitavo lugar no ranking das frutas mais exportadas em 2004, totalizando 28.816 toneladas embarcadas no período, e para a quarta posição em termos de receita. Em 2003, a uva foi a sétima fruta mais exportada pelo país, com o envio de 37.600 t, e segunda maior geradora de receita entre as frutas. A redução no volume foi ocasionada pela maior competitividade dos concorrentes, principalmente no segundo semestre do ano, quando a Grécia, a Espanha e a Itália prolongaram seus envios à Europa. Segundo traders, 2005 será um "ano teste", para checar se o mercado internacional tem capacidade de absorver o crescente volume ofertado por vários países, inclusive pelo Brasil. Para os exportadores nacionais, a recomendação é organizar os embarques, a fim de não gerar excesso de oferta no mercado internacional capazes de pressionar os valores da fruta.

Podas estão sendo realizadas

No eixo Petrolina (PE)/Juazeiro (BA), quase todas as áreas de uvas com sementes foram podadas até o final de janeiro, ao passo que nas áreas com uvas sem sementes essa atividade deve ser finalizada no final de fevereiro. Produtores de Juazeiro (BA) atrasaram suas podas com medo das chuvas de janeiro. Assim, a colheita das uvas finas com sementes deverá ocorrer somente em meados de abril. Já em Petrolina (PE), alguns produtores devem iniciar a colheita no final de março, podendo adiantar as exportações à União Européia. Na região de Louveira (SP), muitos também já realizaram as podas das uvas rústicas na tentativa de colher em meados de março. Em Marialva (PR), cerca de 60% da área deve ser podada até o final de fevereiro e, nas demais regiões paranaenses, algumas áreas tiveram que ser repodadas devido à incidência de doenças nos parreirais.



Preços abaixo do esperado na safra 2004/05

Preços médios recebidos pelos produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepex

Mercado internacional exige qualidade



A saída para recuperar o volume exportado é investir em qualidade



A "número 1" perde espaço

Apesar de a banana ter mantido a liderança no *ranking* das frutas mais exportadas pelo Brasil em 2004, a fruta amargou quedas de 15% no volume embarcado e de 10% na receita obtida, frente a 2003, segundo informações da Secex. Essa queda é reflexo da diminuição das compras dos argentinos, que vêm importando menos banana do Brasil desde 2003. De acordo com a Secex, entre 2003 e 2004, as vendas para o Mercosul, principalmente para a Argentina, caíram 34% e, caso essa tendência continue, a liderança da banana pode estar comprometida. A diminuição das vendas para o país vizinho indica que o norte de Santa Catarina, maior pólo nacional exportador da fruta, vem perdendo mercado para países como o Equador, que produz bananas de qualidade superior à catarinense. Com a demanda internacional, na União Européia ou no Mercosul, voltada para frutas superiores, a saída é investir em qualidade e apostar em uma logística eficiente de distribuição, permitindo a oferta de um produto competitivo frente ao padrão equatoriano.

No último ano, a balança comercial da bananicultura brasileira só não foi pior devido ao aumento nas exportações do Rio Grande do Norte para a União Européia. A maior demanda dos países europeus estimulou novos plantios na região, resultando no crescimento de 42% nas vendas para o bloco entre 2002 e 2004. O interessante é que, apesar de o Mercosul ainda ser o maior importador da fruta, em volume, a receita obtida com as vendas à União Européia - US\$ 15 milhões - superou os ganhos provenientes das exportações ao bloco sul-americano - US\$ 12 milhões (Secex).

Brasil pode exportar muito mais banana

Outro fator que favorece as vendas para a União Européia é a abertura do bloco para a entrada da banana de outros países que não as suas ex-colônias. Segundo estudo do economista Santiago Fernandes de Córdoba, apresentado na Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad), divulgado pelo Valor Econômico (23/01/2005), o Brasil poderá elevar em 30% suas exportações de banana

para a União Européia (UE) se a Comunidade mantiver a tarifa de 2004 em 75 euros por tonelada sobre as compras. No entanto, o Brasil vai ter que lutar junto aos órgãos competentes para que seus custos tarifários não subam. No final de janeiro, a UE divulgou que deve aumentar a atual tarifa para 230 euros por tonelada para a banana proveniente de regiões fora das antigas colônias da África, Caribe e Pacífico a partir de 2006. Por outro lado, as cotas para a entrada do produto serão eliminadas. Mesmo assim, novos investimentos na bananicultura exportadora do Brasil podem ser reduzidos devido ao aumento da tarifa.

Oscilações nos preços da banana em fevereiro

De acordo com os bananicultores, fevereiro é um mês de fraca comercialização do produto, uma vez que, além das férias escolares, a demanda fica ainda mais comprometida durante o carnaval. Assim, as vendas costumam ser menores, desvalorizando a fruta. A nanica, tanto do Vale do Ribeira como do Norte de Minas e de Santa Catarina, tende a ser ainda mais pressionada devido à elevada oferta nessas regiões. No caso da prata, a baixa produção no Vale do Ribeira e em Minas Gerais, além da entressafra em Santa Catarina, na segunda quinzena do mês, podem valorizar a fruta.

Aumenta a participação da banana nos embarques para a União Européia

Volume total de melão brasileiro exportado anualmente, o equivalente em receita e os principais blocos econômicos de destino

Ano	Volume total exportado (ton)	Receita total (milhões de dólares)	Principais destinos (participação sobre o volume total exportado)	
			Mercosul	União Européia
2004	188.087	27	71%	29%
2003	220.771	30	77%	23%
2002	241.038	33,6	84%	16%

Fonte: Secex

Vale aumenta plantio

Produtores do Vale do São Francisco estimam um aumento de 20% na área cultivada em 2005



Novos plantios incrementam a produção

Os produtores do Vale do São Francisco iniciaram a semeadura do melão no final de dezembro de 2004 e o início da colheita está previsto para a primeira quinzena de março. A expectativa é que a área cultivada neste ano aumente cerca de 20% sobre a registrada em 2004, quando foram plantados cerca de 2.100 ha na região. De acordo com agentes locais, esse incremento na produção se deve ao aumento da área cultivada por alguns produtores tradicionais, bem como à implantação de novas roças por empresários que antes atuavam somente na comercialização do produto. Assim como em 2004, cerca de 90% da área será destinada ao cultivo de melão amarelo. Contudo, variedades nobres como o orange e o pele de sapo também serão cultivadas na região.

Mercado interno começa 2005 devagar

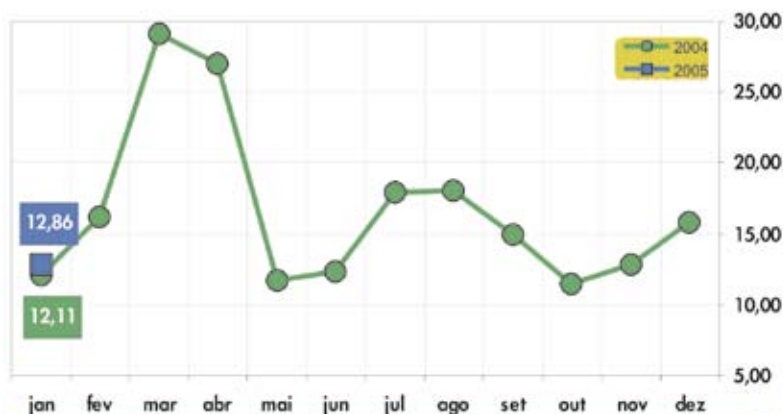
Tradicionalmente, janeiro é considerado um mês fraco para a comercialização do melão no mercado interno. Essa tendência se deve às férias escolares, período em que a venda de frutas e hortaliças é tipicamente menor. Entretanto, o desempenho das vendas do melão já não era bom no final de 2004, quando o excesso de oferta causou prejuízos nos preços e nas mercadorias. De acordo com atacadistas paulistanos, dezembro cos-

tuma ser um dos melhores meses para a venda do produto, mas, em 2004, os elevados preços causaram a retração da demanda e a substituição do melão por outras frutas de menor valor. Em dezembro, o melão amarelo foi comercializado a R\$ 15,80/cx de 13 kg, em média, nas lavouras do Rio Grande do Norte e Ceará, valor aproximadamente 18% superior à média registrada no mês anterior. Em janeiro, os preços voltaram a cair e a fruta foi comercializada a R\$ 12,86/cx de 13 kg, em média. A expectativa é que os valores voltem a subir em fevereiro, com a entressafra do Rio Grande do Norte e Ceará.

Exportação cai e receita sobe

Apesar de as exportações de melão terem fechado 2004 com queda em relação a 2003, a receita obtida pelo setor cresceu. Segundo a Secex, o Brasil exportou 142,5 mil toneladas da fruta em 2004, volume aproximadamente 4% inferior ao comercializado no ano anterior, ao passo que a receita obtida foi de US\$ 63 milhões, aproximadamente 8% maior que a de 2003. Isso se deve à redução da produção nacional e à baixa qualidade do fruto colhido, decorrentes do excesso de chu-

vas registrado nas lavouras nordestinas no final de fevereiro de 2004. Assim, os exportadores não dispunham de frutos suficientes para a tender à demanda internacional, acirrando a procura pela fruta e valorizando o melão brasileiro. A perspectiva para 2005 é de recuperação do volume exportado, retomando, no mínimo, o desempenho de 2003, quando foram embarcadas cerca de 150 mil toneladas. Esse otimismo se deve à previsão de um clima mais favorável ao cultivo neste ano e ao aumento da divulgação do fruto no mercado externo. Além do *Brazilian Fruit Festival* (parceria entre o Ministério da Agricultura, o Instituto Brasileiro de Frutas, a Agência de Promoção de Exportações do Brasil e o grupo Carrefour, para divulgar frutas, sucos e polpas brasileiras no exterior), devem se intensificar outras atividades visando à promoção do consumo de frutas, como participação em feiras internacionais.



Lentidão do mercado não impulsiona preços

Preços médios recebidos pelos produtores do Rio Grande do Norte e Ceará pelo melão amarelo tipo 6 - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cagesp

Com um pé em cada safra



Produtores colhem as últimas frutas de 2004/05 e as atenções se voltam para a produção seguinte

Em busca dos produtores

Em janeiro, as indústrias paulistas procuraram citricultores para iniciar a negociação de contratos de longo prazo. Diferentemente de 2004, quando a maior parte dos contratos se limitava a um ano, as processadoras têm demonstrado interesse em fechar acordos para mais de uma safra. Ainda não há cotação oficial dos contratos, mas a expectativa dos produtores é que os preços fixados este ano superem as bases estabelecidas em 2004. Isso porque as estimativas apontam redução nas safras do Brasil e da Flórida, maiores produtores mundiais. Em dezembro, o USDA divulgou que as áreas comerciais de São Paulo e do Triângulo Mineiro devem produzir 320 milhões de caixas em 2005/06, queda de 60 milhões em relação a 2004/05. Para a Flórida, o Departamento anunciou uma nova redução na estimativa de janeiro, passando sua previsão para 162 milhões de caixas,

cerca de 4% abaixo do divulgado em dezembro de 2004.

Custos e dólar também preocupam

Outros fatores que estimulam os citricultores paulistas a aguardar por melhores ofertas de preço das indústrias são o alto custo de produção da laranja e a valorização do Real. Um estudo encomendado pela Associtrus mostra que o custo variável de uma propriedade de 100 ha, com densidade de 400 pés por hectare e produtividade de 2,5 caixas por pé – incluindo gastos com insumos, colheita, frete até a fábrica, salários dos empregados, energia e impostos - é de R\$ 6,60/cx de 40,8 kg ou US\$ 2,80/cx (valor convertido pelo câmbio comercial médio de dezembro de 2004 pela **Hortifruti Brasil**). Entretanto, esse valor sobe para US\$ 3,76/cx (R\$ 10,23/cx), quando são incluídos a depreciação do pomar (US\$ 0,48/cx) e a remuneração do capital (US\$ 0,22/cx) e da

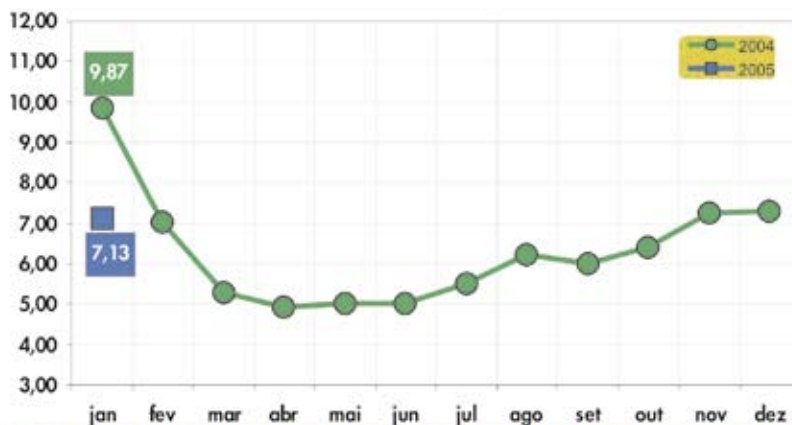
terra (US\$ 0,27/cx). Apurando os dados, nota-se que a rentabilidade deste padrão de propriedade se inviabiliza diante dos atuais valores pagos pela indústria. No caso da valorização do Real, como os contratos são fechados e dólar, a receita, em moeda nacional, pode ficar ainda mais restrita para o citricultor brasileiro.

Novas floradas ainda podem ocorrer

As constantes chuvas sobre o cinturão citrícola de São Paulo, desde dezembro de 2004, podem estimular novas floradas nos pomares da região. A perspectiva é que os pomares da pêra voltem a florescer até o final de fevereiro, contribuindo com o aumento da safra das temporãs. Contudo, mesmo que essa previsão seja confirmada, a expectativa dos citricultores ainda é de uma produção significativamente menor para a safra 2005/06.

Indústrias fecham

A safra paulista de citros está chegando ao fim, e as indústrias paulistas já começaram a diminuir o ritmo de processamento. Muitas paralisaram as atividades de algumas unidades em janeiro e outras devem finalizar o recebimento da fruta neste mês. Até o início da próxima safra, apenas algumas indústrias devem permanecer abertas para a entrega de laranjas, visando a receber pequenos volumes referentes à finalização de contratos e às frutas postas no portão.



Indústrias recebem as últimas frutas da safra

Preços médios recebidos pelos produtores paulistas pela laranja posta no portão da indústria - R\$/cx de 40,8 kg

Fonte: Dipea

Ministério da Saúde se mobiliza para promover a alimentação saudável

Entrevista: Anelise Rízzolo

Nutricionista formada pela Universidade Federal de Pelotas e mestre em saúde pública, Anelise é assessora técnica da coordenação geral da política de alimentação e nutrição do Ministério da Saúde. Aqui ela fala sobre as políticas públicas que estão sendo implementadas para promover o consumo de alimentos saudáveis.

Hortifruti Brasil: A POF/IBGE revelou que o brasileiro consome muito açúcar e pouca fruta e hortaliça. Nas classes mais altas, é grande também o consumo de gorduras. O Ministério da Saúde tem alguma análise de quanto custa para o governo as conseqüências da alimentação inadequada do brasileiro?

Anelise Rízzolo: Estima-se que os gastos sejam elevados, mas há poucos dados precisos sobre isso. Até porque toda a questão das doenças não-transmissíveis (DNT) é um tema bastante novo para nós. O que se tem de concreto é que houve um forte crescimento de cirurgias bariátricas (de redução de estômago), existindo uma grande fila de espera. Mas, de forma geral, sabe-se que, no Brasil e no mundo, 60% das causas de morte estão relacionadas às DNT's, com as doenças cardiovasculares na primeira posição.

Hf Brasil: Quais as ações governamentais para promover uma alimentação mais saudável no país, principalmente no que se refere ao consumo de frutas e hortaliças?

Anelise: Existe uma série de ações. A maioria é ligada à educação em saúde, no sentido de promover a alimentação saudável. A Saúde entende que é impossível elevar o consumo de frutas e verduras sem o apoio de outras áreas relacionadas e, por isso, tem buscado trabalhar junto aos Ministérios de Desenvolvimento Agrário, Desenvolvimento Social, do Trabalho, da Educação e ao da Ciência e Tecnologia. A maioria dos alimentos hoje disponíveis nos supermercados não é propriamente saudável. É preciso que o consumidor possa esco-

lher alimentos saudáveis e entenda a importância disso. O Brasil precisa olhar com mais atenção as iniciativas de educação nutricional nas escolas e a regulamentação da comercialização e publicidade de alimentos, principalmente os voltados ao público infantil. Algumas cidades fizeram decretos para controlar a alimentação nas cantinas escolares. Outras conseguiram que redes de *fast food* colocassem informações nutricionais nos produtos vendidos. São ações importantes que requerem a participação da população civil também.

Promover a alimentação saudável é, sem dúvida, uma batalha mais delicada que a de combate ao tabagismo

Hf Brasil: No evento de apresentação da pesquisa do IBGE, o Ministério da Saúde informou que estuda fazer uma campanha, a exemplo da que veicula contra o tabagismo, para alertar sobre os riscos de ingerir alimentos com alto teor de açúcar e gordura. Como será essa campanha e quais os principais desafios?

Anelise: É um programa voltado à educação alimentar no país e deve estar em ação no segundo semestre de 2005, com o objetivo de promover a alimentação saudável. Vários ministérios estarão envolvidos e é justamente este o desafio: englobar todos em uma estratégia só. É um programa que deve ter um bom movimento de publicidade.

Hf Brasil: Existe uma campanha

mundial elaborada para estímulo ao consumo de frutas e hortaliças, sob responsabilidade da OMS. Comenta-se na mídia que o Brasil ainda não a assinou. Isso é verdade?

Anelise: O Brasil apoiou a "Estratégia Global" da OMS, que foi proposta aos países-membros. Agora buscamos a identidade para trabalhá-la aqui. A primeira estratégia é uma iniciativa ao estímulo de consumo de frutas, verduras e legumes, encabeçada pelo Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. A idéia é divulgar que o ideal não é o consumo de alimentos em quantidade, mas de qualidade. Em 2005, a estratégia global é uma das prioridades do Ministério da Saúde.

Hf Brasil: Comenta-se que a principal resistência vem dos produtores de açúcar. Esta será "uma batalha" mais delicada que a de combate ao fumo?

Anelise: Sem dúvida uma batalha mais delicada, mesmo porque se vive sem tabaco, mas não sem alimentos. No caso de promover o consumo de frutas e verduras, a mensagem que temos que passar é "coma melhor" e não simplesmente "deixe de comer" - como no caso do cigarro: deixe de fumar. Quando a OMS apresentou a Estratégia Global, que propõe, entre outras coisas, a redução do consumo de alimentos com alto teor de açúcar, houve muita resistência por parte de alguns países-membros, principalmente dos Estados Unidos. Entre os brasileiros, a indústria de açúcar questionou o documento, mas a posição final do governo foi de apoiá-lo. Dá pra dizer que "vencemos o primeiro round".

Atual dieta do brasileiro é prejudicial à saúde

Entrevista: Carlos Augusto Monteiro

Monteiro é médico especializado em saúde pública e doutor em ciências da saúde pela Columbia University, na área de nutrição. Foi ele quem prestou consultoria para o IBGE no processo de elaboração da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) e, como médico, alerta sobre os riscos da má alimentação à saúde.



Hortifruti Brasil: Segundo o Ministério da Saúde, a alimentação dos brasileiros é deficiente em dois aspectos: o consumo de açúcares é muito alto e o de frutas e hortaliças, baixo. Além disso, as classes altas consomem mais gorduras saturadas. Quais as consequências desse tipo de alimentação à nossa saúde?

Carlos Augusto Monteiro: Este padrão alimentar está associado à elevada incidência de doenças crônicas como a obesidade, o diabetes tipo 2, hipertensão arterial, doença coronariana, certos tipos de câncer, entre outras. São as principais causas de mortalidade precoce no Brasil.

Hortifruti Brasil: As verduras, frutas e legumes representam, em média, apenas 2,3% das calorias ingeridas pelo brasileiro ao dia - o mínimo recomen-

dável é de 6% a 7%. Que benefício o aumento do consumo de frutas e hortaliças traria para o funcionamento do nosso organismo?

Carlos Augusto Monteiro: Diminuição do risco de obesidade e de todas as doenças crônicas associadas a esta condição, além de reduzir o risco de certos tipos de câncer.

Hf Brasil: E quanto aos maus hábitos, como a ingestão de alimentos com alto teor de açúcar, que é elevada em todas as faixas de renda e regiões do país. A POF mostra que o consumo desses produtos equivale a 13,7% da refeição do brasileiro, enquanto a recomendação internacional é de até 10%. Quais os prejuízos que isso pode ocasionar à saúde?

Monteiro: O consumo excessivo de açúcar, fonte exclusiva de energia,

desloca da dieta outros alimentos que fornecem, além de energia, nutrientes como proteína, vitaminas, minerais e fibras. Há comprovação empírica de que o consumo excessivo de açúcar está associado a um maior risco de obesidade em crianças e adolescentes.

Hf Brasil: Já as gorduras, em especial as saturadas, são mais presentes na alimentação de quem ganha mais - famílias com mais de cinco salários mínimos consomem 11,2% do total das calorias com gorduras saturadas, sendo que o limite máximo recomendado é de 10%. Qual o risco do consumo excessivo de gorduras saturadas?

Monteiro: Aumento na concentração do colesterol ruim, do risco de doença coronariana e da mortalidade por infarto do miocárdio.

Dicas para um cardápio saudável

Entrevista: Flávia Abdallah

Doutoranda em Ciências pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Flávia também é especialista em Fisiologia do Exercício pela UNIFESP. Aqui ela dá a dica para quem quer garantir uma alimentação saudável e ressalta que a consulta a um nutricionista é essencial para se obter um cardápio compatível com suas condições físicas.



Hortifruti Brasil: Qual a quantidade de frutas que as pessoas devem consumir diariamente?

Flávia Abdallah: A quantidade recomendada por pessoa é de 3 a 5 frutas ao dia. Para sedentários e diabéticos, vale o mínimo de 3 frutas. Já no caso dos esportistas e atletas, a quantidade mínima é de 5. No Brasil, além da grande variedade, o preço da fruta é acessível a toda população. Escolha

as frutas da época para garantir melhor qualidade e economia.

Hf Brasil: Qual a dica para quem quer seguir uma alimentação saudável?

Flávia: Inclua uma fruta após as principais refeições do dia (café-da-manhã, almoço e jantar), variando o tipo. No caso de atletas, além disso, incluir um copo de suco de frutas natural ao dia. Hortaliças devem en-

trar nas refeições principais. O ideal é pelo menos uma porção, que equivale a um pires, mas não há problema se o consumo for maior. As fibras também são muito bem-vindas. Se for fazer um lanche à tarde, opte pelo pão integral, diminua os frios e aumente as hortaliças (cenoura, tomate, folhas, entre outros). Ou então, coma uma salada antes do lanche.



Tecnologia para tudo
que se planta!

 **Dow AgroSciences**



www.dowagrosciences.com.br

DuPont Midas BR[®]

Use Midas BR[®], o fungicida superprotetor da DuPont.

- Alta resistência à lavagem pela chuva ou irrigação
- Superproteção, pela absorção do ativo na camada lipídica da folha
- Excelente eficácia no controle de doenças, principalmente Alternária
- Ideal no manejo de resistência de fungos
- Formulação granulado dispersível: maior praticidade no manuseio e aplicação
- E agora, duas opções de embalagem: saquinhos de 320 g ou 3,2 kg

Seja 100% Atitude contra as doenças da batata e do tomate.

Ser um produtor "Atitude 100% DuPont" é ser consciente e prevenido, não esperar o inimigo atacar, proteger antes sua plantação e seu investimento.

Seja 100% Atitude. "Atitude 100% DuPont".

ATITUDE
100%
DuPont
 Seja Especial. Seja 100% Atitude.

© Copyright 2003-2004, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados.

DuPont Midas BR[®]



*Os milagres da ciência**

* marca registrada DuPont.

ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.

